

Nota Editorial:

O quarto número da *Revista On-Line de Educação e Ciências Humanas* oferece ao público um número especial, uma série de artigos dedicados a explorar aspectos fundamentais da obra de Karl Marx. Os textos figuraram na revista *Ensaio Ad Hominem 1*, tomo IV, de 2001. O objetivo desta republicação é o mesmo que orientou os números antecedentes: resgate do humanismo e afirmação contundente da possibilidade de conhecimento da verdade, sem se importar com a enorme dificuldade da tarefa, diante dos relativismos de praxe e da defesa pedestre do pluralismo de práticas e interpretações. Nada mais adequado que trazer a obra de Marx para o centro do debate e demonstrar como a destituição de seu pensamento é sintoma da época corrente, de abandono da perspectiva de esquerda.

Os textos ora publicados têm origem em dissertações desenvolvidas pelos autores na Faculdade de Filosofia da UFMG. Todas as pesquisas foram influenciadas pelo trabalho original desenvolvido por José Chasin, de estudo e resgate rigoroso da obra marxiana. A trajetória de José Chasin marcou um retorno a Marx não como exercício intelectual e sim como requisito prático fundamental para qualquer atuação socialmente efetiva. Uma das principais conquistas dessa redescoberta foi a determinação do eixo central da reflexão marxiana como um estatuto ontológico, em contraposição a uma ontologia fechada e abstrata e, sobretudo, como crítica a qualquer perspectiva epistemológica, como tradicionalmente se interpretou Marx. Estatuto ontológico porque é marcado pela legalidade categorial aberta do ser social que a obra marxiana procura elucidar. Esse esforço inicial permitiu justamente vislumbrar o contraponto crítico ao que Chasin determinou como a crise do pensamento contemporâneo: destituição

ontológica, desilusão epistêmica e descarte do humanismo, três sintomas da própria destituição do pensamento marxiano. Retornar a Marx, para Chasin, é a única via para retomar qualquer perspectiva de esquerda autêntica.

O resultado imediato desse esforço é aqui trazido a público e apresenta duas conclusões imediatas. O esforço necessário para o conhecimento da obra de Karl Marx é infinito, bastando mencionar a árdua tarefa que tem sido publicar suas obras completas, com fim previsto para a década de 2020. Muitos aspectos nem sequer foram ainda devidamente estudados, graças aos preconceitos construídos ao longo do já esquecido século XX. Cabe referir o artigo de Sabina Maura Silva, que apresenta aspectos pouco conhecidos da reflexão marxiana a partir da crítica a outro autor igualmente desconhecido, Max Stirner. A segunda conclusão é mais grave que o desconhecimento: há um enorme conjunto de equívocos a envolver a obra marxiana, com os quais sempre se há de bater. O artigo de Antônio Alves, por exemplo, explicita a rica tematização marxiana sobre a individualidade, texto que equivale a uma crítica contundente das aborrecidas cantilenas de que Marx não teria formulado uma reflexão sobre o tema, como se isso fosse possível.

Retornar a Marx é lutar contra preconceitos socialmente estabelecidos, reproduzidos até mesmo no Vaticano pelo novo velho Papa. Os artigos citados e os demais são importantes e servem como convite ao leitor, que tenha o prazer e o dever de se debruçar sobre eles e, reiteradamente, juntar-se aos autores no esforço de estudo da obra marxiana.

P.s. É necessário ainda chamar a atenção para a publicação dos textos do livro *A Miséria Brasileira*, de José Chasin no *Sítio Verinotio.org*. Além de uma série de virtudes, esses textos podem ser lidos como a crônica de uma morte anunciada: o aborto do governo Lula e o sepultamento do PT, mais e mais semelhante ao seu irmão xifópago, o PSDB, mas sem suas qualidades. A corrupção no governo acabou por obscurecer o fato essencial: o PT sepultou qualquer perspectiva de esquerda porque nunca foi de esquerda e Chasin denunciou, desde a fundação do partido, seu pecado original: uma orientação teórica equivocada e prática política

passadista, com o único e simplista objetivo de se tornar um partido da ordem, no que foi bem sucedido. Resta a advertência, nas palavras de Chasin, “**A História só surpreende aos que de história nada entendem**”. Ou seja, só os sectários de plantão agora se permitem o silêncio e a perplexidade.

Leonardo Gomes de Deus e Vânia Noeli Ferreira de Assunção.